

**PROCEDIMENTOS DE CRIAÇÃO NO TEATRO RITUAL:  
O MOVIMENTO DE REENCONTRO CONSIGO A PARTIR DOS ESTADOS  
ALTERADOS DE CONSCIÊNCIA**

Helena Villar Dantas Saltoris de Aguiar (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN)<sup>1</sup>  
Robson Carlos Haderchpek (Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN)<sup>2</sup>

**RESUMO**

A pesquisa “Procedimentos de Criação do Teatro Ritual” busca estudar e sistematizar os procedimentos de criação desenvolvidos pelo *Arkhétypos Grupo de Teatro* da UFRN tomando como referência o “jogo ritual”, a “poética dos elementos” e a “dramaturgia dos encontros”. Neste recorte, a pesquisadora falará sobre como pôde se reencontrar e se reconectar consigo mesma, a partir das vivências dentro do grupo, experimentando os "estados alterados de consciência", desde seu primeiro encontro com o *Arkhétypos*, no início da graduação. Sendo assim, a presente pesquisa se norteia por uma metodologia empírica focada na prática pedagógica desenvolvida pelo *Grupo Arkhétypos*, e bibliográfica, a partir do estudo do material teórico publicado pelos integrantes e ex-integrantes do Grupo.

**PALAVRAS-CHAVE**

Teatro Ritual; Estados Alterados de Consciência; Jogo Ritual; Dramaturgia dos Encontros.

**ABSTRACT**

The research “Procedures for the Creation of Ritual Theater” seeks to study and systematize the creation procedures developed by the *Arkhétypos Theater Group* at UFRN, taking as reference the “ritual play”, the “poetics of elements” and the “dramaturgy of encounters”. In this excerpt, the researcher will talk about how she was able to find herself and reconnect with herself, based on the experiences within the group, experiencing the "altered states of consciousness", since her first encounter with *Arkhétypos*, at the beginning of graduation. Therefore, this research is guided by an

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Graduação em Teatro. Orientador: Prof. Dr. Robson Carlos Haderchpek. Bolsista CNPQ/PIBIC (2020/2021). Atriz e Pesquisadora.

<sup>2</sup> Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRN. Ator, Diretor, Pesquisador.

empirical methodology focused on the pedagogical practice developed by the *Arkhétypos Group*, and bibliographical, based on the study of theoretical material published by the Group's members and former members.

## KEYWORDS

Ritual Theater; Altered States of Consciousness; Ritual Play; Poetics of Elements; Dramaturgy of Encounters

Esta pesquisa de iniciação científica realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, durante o período de pandemia, intitulada “Procedimentos de Criação no Teatro Ritual”, buscou sistematizar os procedimentos de criação utilizados pelo *Arkhétypos Grupo de Teatro*<sup>3</sup> da UFRN, a partir da perspectiva de uma pesquisadora-artista que experimentou os procedimentos na prática antes de ter contato com a bibliografia. Devido ao período pandêmico, escolhi escrever em formato de relato de experiência, recorrendo às lembranças das atividades práticas sempre que necessário, uma vez que as atividades desenvolvidas pelo grupo foram suspensas durante o ensino remoto.

Quando fui convidada pelo professor Robson Haderchpek para desenvolver esta pesquisa, fiquei muito animada com a possibilidade de ter contato com bibliografias que explicassem aquilo que eu já havia experimentado tanto na prática, e, ao me deparar com alguns termos, senti que eles não faziam muito sentido para o meu corpo. O primeiro deles foi “estados alterados de consciência”, que, para mim, era o estado prazeroso de jogar. “Poética dos elementos”, que eu acreditava ser apenas o tema escolhido para se trabalhar dentro dos processos criativos de improvisação (no caso, dentro do “jogo ritual”), cujos resultados desse improviso iriam para a cena, chegando na “dramaturgia dos encontros”.

A adequação a todas essas nomenclaturas foi um passo grandioso e importante na minha formação, apesar de um pouco difícil. Digo “um pouco” porque todos esses códigos estavam muito nítidos para o meu corpo, e designar palavras complexas e

---

<sup>3</sup>Desde sua criação em 2010 o *Arkhétypos Grupo da UFRN* atua nas áreas da pesquisa e da extensão, desenvolvendo processos criativos e produzindo espetáculos teatrais que almejam estabelecer uma ponte entre a comunidade e o meio artístico-acadêmico. Ao longo dos últimos 10 anos o Grupo produziu onze espetáculos, tendo sido tema de seis projetos de pesquisa, dezoito trabalhos de conclusão de curso, sete dissertações de mestrado, uma tese de doutorado, três pesquisas de pós-doutorado, além de ser tema de dois livros (um em português e um em inglês), três capítulos de livro e mais de vinte artigos científicos.

acadêmicas para aquelas percepções subjetivas foi o primeiro passo para nortear os meus pensamentos.

Identifico-me muito quando encontro o pensamento do professor Robson Haderchpek e da professora Karyne Dias Coutinho, esta que também teve seu primeiro encontro com o Teatro Ritual de forma leiga: “Fazer Teatro Ritual é um convite a dar lugar, fazer lugar, dispor-se à relação consigo mesmo” (COUTINHO; HADERCHPEK, 2019), uma vez que enxergo os laboratórios de criação como um lugar, principalmente, de encontro consigo. Nesta perspectiva, penso os Procedimentos de Criação no Teatro Ritual como o Movimento de Reencontro Consigo a partir dos Estados Alterados de Consciência (OLIVEIRA; HADERCHPEK, 2021).

Desde o meu primeiro encontro com o *Grupo Arkhétypos*, ainda no primeiro semestre da graduação (2018), soube que aquela prática seria revolucionária na minha formação. Comecei a fazer teatro na escola, e como estudava em uma instituição cristã, só participava de montagens da Paixão de Cristo, apresentações referentes ao dia das mães etc.. Não havia espaço para pensar e trabalhar as subjetividades e individualidades dentro dos processos criativos, apenas decorar textos e trabalhar jogos teatrais e dramáticos. Quando escolhi cursar Licenciatura em Teatro na UFRN, eu sabia que um leque de novas possibilidades iria se abrir na minha frente, e ao encontrar o *Arkhétypos* fui rapidamente seduzida por essa nova forma de fazer teatro.

## **Os Estados Alterados de Consciência**

Dentro do processo criativo do Teatro Ritual<sup>4</sup> desenvolvido pelo *Grupo Arkhétypos*, todas as nuances, subjetividades e individualidades são necessárias para o jogo e, antes de trazer esse material para a cena, nós buscamos estabelecer uma relação íntima com o que está oculto no inconsciente, através dos Estados Alterados de Consciência.

Os estados alterados de consciência geram em nosso corpo sensações físicas que criam e/ou acionam uma cadeia de neurotransmissores que nos tiram da realidade cotidiana e nos projetam em uma realidade fictícia, mágica e lúdica. (HADERCHPEK, 2021, p. 26)

---

<sup>4</sup> Segundo Haderchpek: “O Teatro Ritual surge de uma ação mágico-simbólica que é realizada pelo performer e que é redimensionada no tempo e no espaço na presença de um observador, que participa do ato ritualístico.” (2021, p.17). Ainda de acordo com o autor: “O Teatro Ritual nasce da busca por um corpo ritualizado que adentra os *estados alterados de consciência* e faz da cena um ato de celebração, de comunhão ritualística. Quando adentramos estes estados nosso corpo se coloca numa suspensão temporal e não quer mais sair, é uma espécie de *looping* espiral guiado pela música, pelo som da orquestra, do batoque, da banda ou do ritual.”(2021, p. 69).

Na prática, acessamos esse estado de “transe consciente” porque o nosso cérebro, durante uma atividade corporal mais intensa (como no treinamento pré-expressivo), reduz temporariamente as atividades neuronais em áreas que não são importantes para aquele tipo de atividade. A circulação sanguínea antes direcionada a essas áreas do cérebro é redirecionada a uma estrutura cerebral mais primitiva do cérebro, onde fica localizado o nosso sistema límbico, responsável por assimilar comportamentos emocionais.

Sempre senti um prazer enorme nesse processo de conexão com uma parte mais interna de mim, e acredito que este foi o ponto que me cativou para estar cada vez mais próxima do *Arkhétypos*. Existem várias maneiras de acessar os Estados Alterados de Consciência, mas a minha favorita é através do *treinamento energético*<sup>5</sup>, onde primeiro nós paramos, deitados no chão da sala, e sentimos nossa respiração. Ao estabelecer uma conexão com esse ar que entra e sai dos nossos pulmões, começamos a fazer movimentos pequenos, começando pelos dedos das mãos e pés, e aos poucos e de forma fluida, esse movimento vai crescendo e nós vamos nos deslocando pelo espaço, correndo, pulando e balançando o corpo cada vez mais rápido, até atingir o estado de exaustão. Sobre isso, a atriz Paula Laís Araújo de Medeiros, uma das fundadoras do grupo, comenta:

Esse é o momento mais delicado do trabalho, pois o ator se coloca em um nível de esgotamento. A cabeça pede que o corpo pare, que o corpo descansa, e deve-se lutar contra isso, deve-se abandonar os pensamentos e entregar-se ao treinamento. Algumas pessoas, às vezes, acabam desistindo nesse momento, pois pensam que não vão conseguir continuar. Quando o ator persiste no exercício, ele consegue criar dentro de si uma força que não conhecia antes [...]” (MEDEIROS in HADERCHPEK, 2017, p.26)

É um desafio contínuo quando escolhemos praticar dessa maneira, para a movimentação não ficar estagnada e a/o performer não ficar na zona de conforto. Atrilando o prazer ao desafio de estar sempre indo um pouco mais do que no encontro anterior, sinto que estou sempre em transformação dentro das práticas do *Grupo Arkhétypos*. Quando vou para uma aula/oficina de Teatro Ritual sinto que o estado do meu corpo muda antes mesmo de eu chegar à sala de ensaio. Um pouco pela ansiedade

---

<sup>5</sup> Segundo Luís Otávio Burnier: “O *treinamento energético*, ao provocar esta espécie de expurgo das energias primeiras do ator, dinamiza energias potenciais, induz e provoca o contato do ator consigo mesmo e ensina-o a reconhecer, na escuridão, após uma caminhada cada vez mais profunda em seu interior, recantos desconhecidos, *esquecidos*, que podem vir a ser uma das fontes para a criação da sua arte”. (2009, p. 140).

de estar novamente praticando, mas também, porque normalmente pedem que levemos algumas coisas.

## **Jogo Ritual**

No *Grupo Arkhétypos*, cada laboratório tem um tema: podemos trabalhar com a energia dos elementos da natureza; a partir de uma lenda ou de qualquer temática que o grupo sentir necessidade. Para facilitar o acesso a esses símbolos e signos, normalmente pede-se que cada um leve uma imagem relacionada ao tema que será trabalhado. Essa imagem não deve ser escolhida aleatoriamente, pois o objetivo é que a/o performer estabeleça uma relação íntima com ela, uma vez que servirá de portal de acesso ao universo mágico-simbólico do jogo.

Já houve casos em que a escolha da imagem foi feita de modo aleatório e funcionou, mas geralmente pede-se um cuidado especial neste momento, pois se a imagem não for capaz de estimular o performer no processo, ela não será um portal, será apenas uma mera representação figurativa (HADERCHPEK, 2021, p. 34)

Ao chegarmos na sala, cada um coloca a imagem que trouxe no chão, e elas ficam dispostas em círculo, para que todas(os) tenham a oportunidade de observar cada uma e escolher com qual quer trabalhar naquele momento. Não necessariamente vamos trabalhar com a imagem que levamos, e tudo bem se mais de uma pessoa escolher a mesma imagem, já que o passo seguinte pede uma observação subjetiva da imagem.

Após esse processo de observação, cada um traz para o corpo a sua percepção. Algumas pessoas escolhem trabalhar com a sensação que a imagem traz, outras corporificam algum elemento impresso nela, e então começamos a dar movimento e personalidade àquelas figuras. Fazemos um exercício de caminhar com a imagem no corpo e em seguida repetimos o caminhar de forma neutra, repetidas vezes, para que se criem, na minha percepção, gatilhos de movimentação daquelas figuras.

Depois desse procedimento, deitamos no chão da sala e temos o nosso momento com nós mesmos, onde preparamos o nosso imaginário para o jogo e em seguida damos início ao *treinamento energético* (BURNIER, 2009). Ao perceber que todas/os atingiram o estado de exaustão, a/o condutora/o pede para que todos parem e, “segurem a energia” indicando que devemos trazer a imagem de volta pro corpo. A partir daí o jogo inicia, as figuras que já têm personalidade e movimentações, agora se encontram

em um lugar simbólico e as/os performers se entregam ao lúdico, estabelecendo relações uns com os outros.

Vale salientar o tamanho da responsabilidade que a/o condutora/o tem dentro dessa prática, apesar de todas/os performers terem total consciência que dentro de um laboratório não é interessante nos entregarmos totalmente aos fluxos do inconsciente, uma vez que é papel da/o professora/o conduzir o trabalho de forma que isso não aconteça, isto é, trazer “de volta” aqueles que porventura ultrapassem os limites. Sobre isso, o professor Robson Haderchpek comenta: “A ação é simbólica, mas precisa ser real no que tange à veracidade da intenção, da execução e da projeção física no espaço” (2021, p.44).

Além da condução principal, geralmente temos outras pessoas que auxiliam na condução do experimento, trazendo novos estímulos como músicas ou até dando indicações direcionadas a algum núcleo de performers. Portanto, todos aqueles que estão dentro da sala de ensaio são participantes do jogo, assim como em um ritual, alguns participam de forma ativa na ação, e outros de forma secundária, garantindo a segurança daqueles que estão imersos no Jogo Ritual (HADERCHPEK, 2018).

Durante a Oficina de Práticas Corporais que o *Grupo Arkhétypos* oferece à comunidade e também durante o curso da disciplina de *Jogo e Cena I*, com as quais tive contato no primeiro semestre de 2018, nós trabalhamos com a temática dos elementos da natureza, onde buscamos despertar a energia de cada um de nós no nosso corpo.

## **Poética dos Elementos**

Logo quando ingressei na Universidade, fui pega de surpresa pelos meus veteranos perguntando “qual o teu elemento?” e eu, sem entender nada do que estava acontecendo, respondia “Fogo!” porque achava que se tratava de algo relacionado aos signos do zodíaco. Algumas semanas depois, as práticas com a Poética dos Elementos começaram durante as aulas de *Jogo e Cena I* com o professor Robson Haderchpek.

A Poética dos Elementos foi sistematizada pelo *Grupo Arkhétypos* a partir dos processos de criação desenvolvidos pelo grupo, onde um elemento da natureza (terra, água, fogo ou ar) sempre guia as experimentações. Existem várias maneiras de acessar essas energias: podemos trazer o elemento físico para dentro da sala e ter contato direto com ele, podemos ativá-lo a partir de movimentações envolvendo nossos chakras,

dançá-los através de estímulos musicais, etc.. Os meus encontros com os elementos foram (e ainda são) transbordantes de afetos e prazeres.

Quando consagramos nossa imaginação a um elemento, ou melhor, quando adentramos numa prática laboratorial e acessamos as imagens decorrentes de um elemento (terra, água, fogo ou ar), acessamos as mitologias decorrentes deste elemento e abrimos espaço para que elas se manifestem no nosso corpo. É no corpo, na relação entre corpos que as imagens se materializam, por isso é tão importante que o ator se mantenha ativo dentro do devaneio, ou do “jogo ritual” como preferimos, a fim de que as imagens possam encontrar a sua dinâmica corporal (HADERCHPEK, 2017, p. 2659)

Me encontrei com a Água de uma forma tão fluida e bela, explorei movimentações lentas e intensas, enquanto ouvia aquelas músicas que pareciam a trilha sonora de um sonho calmo. Através da Água descobri uma figura materna que habitava dentro de mim e cuidava de todas e todos que aos meus braços chegavam: me apaixonei, chorei, criei estórias, presenciei encontros e partidas muito fortes, e até estabeleci relações que ultrapassaram as barreiras da sala de ensaios. Me afetei.

Nos laboratórios de Terra, a princípio, descobri minhas fragilidades e todos os meus medos de brigas e desavenças, fui acolhida por arqueiras, guerreiras e guerreiros que tanto respeitaram meu tempo de amadurecimento para o combate. Aos poucos fui me sentindo mais segura dentro daquele espaço e gritei, bati de frente, defendi e ataquei: me fortaleci.

Finalmente tive contato com o Fogo e a brasa que estava pequenininha dentro de mim se tornou uma chama alta e transformou-se numa dança bela. Queime cada espaço da sala de ensaios, seduzi e fui seduzida diversas vezes a jogos de contato físico direto, encontrei uma figura que era fascinada pelo calor da cera da vela que derretia no centro do espaço; me aproximei de mansinho e me permiti experimentar aquilo. Erupcionei.

Lidar com o Ar foi mais difícil. Na primeira vez, me sentio elemento mais pesado daquele lugar cheio de seres voadores. Não conseguia sentir, sequer, o vento que entrava na sala; os estímulos não faziam sentido para o meu corpo e eu só ficava torcendo para que aquela aula chata acabasse logo. Às vezes até fingia que estava fazendo, imitando a movimentação de outras pessoas, mas todo mundo via que aquilo estava sendo uma tortura: me frustrei.

Em 2019, fiquei sabendo através de um amigo que o professor Robson estava querendo remontar o espetáculo Revoada, que estreou pela primeira vez em 2014, baseado no conto “*A Conferência dos Pássaros*” e tinha como elemento principal o Ar.

Sempre ouvi falar muito bem do Revoada e muito feliz com a notícia fui até a sala do professor falar com ele, que acabou me convidando para participar do processo de remontagem, que se iniciaria em dois dias. Fiquei muito nervosa com o convite e com muita vergonha de dizer “não”, afinal, o Ar definitivamente não era o meu elemento.

Chegou o dia combinado e eu lembro de estar muito triste pelos corredores do Departamento de Artes, mas, ao encontrar com Haderchpek, logo lembrei de uma frase que ele mesmo já havia me dito em outra ocasião: “Querida, às vezes o trabalho cura.” E corri para sala de ensaio. Já comecei a me alongar, e botei na cabeça que aquele dia seria diferente, que iria conseguir me entregar e, se eu não gostasse, iria assistir ao espetáculo na estreia sem peso na consciência.

E realmente foi diferente. O trabalho que, normalmente, nós fazíamos em duplas, daquela vez foi feito de forma individual. O professor pediu para que escolhêssemos um lugar da sala e ficássemos em uma posição confortável, sentimos o ar entrar e sair de nossos pulmões e aos poucos estabelecemos uma relação com aquele lugar, que naquele instante era o nosso ninho. Quando me dei conta de que estava realmente imersa no jogo, minha ave já havia criado asas e estava voando pelo espaço acompanhada de uma Corva<sup>6</sup>. Naquele momento entendi que o meu Ar não era leve e serelepe como eu percebia no corpo dos demais, era apenas livre.

Depois de caminhar pelos quatro elementos percebi que não tem como escolher só um para ser o “meu” elemento, eles estão sempre se misturando e se transformando dentro dos nossos processos criativos, proporcionando um aprendizado constante sobre nós mesmos as mitologias que habitam nossos corpos.

Durante o processo de remontagem do Revoada conheci muitas pessoas novas, que eram mais antigas no Grupo, e algumas até haviam participado da montagem original do espetáculo. Trocar energia com todas/os aqueles seres voadores mais antigos foi uma experiência divertidíssima e de extrema importância para o meu amadurecimento dentro do *Arkhétypos*. Fazer parte do *Grupo Arkhétypos* é estar sempre disposta à troca com outras pessoas e aberta a encontros que dentro de quarenta minutos podem se tornar uma vida inteira. Acredito que seja impossível afastar os afetos que permeiam essa relação enquanto escrevo, e sei que este é o ingrediente mais potente do meu trabalho.

## **Dramaturgia dos Encontros**

---

<sup>6</sup> Feminino de Corvo.



Quando entramos na sala de ensaios, a primeira coisa que fazemos é silenciar o corpo, trazendo a atenção para o aqui e o agora, observando nossos próprios corpos e alongando aqueles músculos que estão incomodando. Em seguida, nós iniciamos o trabalho com as imagens, e temos o primeiro encontro, que é quando codificamos essa imagem no nosso corpo, dando a ela forma física, movimento e personalidade. O segundo encontro se dá quando o espaço se transforma em um lugar mágico-ficcional e as figuras começam a se relacionar entre si, criando afetos e estabelecendo relações: é quando o material cênico começa a surgir. Mas como escolher o que vai realmente para a cena?

Durante as práticas laboratoriais, a concepção estética fica um pouco caótica, são muitas relações acontecendo ao mesmo tempo e não tem como a/o encenadora/o estar atenta/o a todas as histórias ao mesmo tempo, então, ao final de cada prática nós escrevemos em nossos diários de bordo e sentamos em roda para conversar sobre o que aconteceu. Este momento em roda é o mais importante, na minha percepção, porque é onde temos total liberdade para falar sobre como os encontros daquele dia nos afetaram. É importante que todos falem sobre o significado daquelas relações dentro da construção de cada história, e é essencial que se fale sobre aquilo que incomodou também.

Neste momento da roda, todas e todos ouvem o que cada um tem a dizer e a/o encenadora/o fica atenta/o a cada relação, também tomando notas. É um momento de partilha onde descobrimos como somos a partir da visão do outro. Acredito que também é uma maneira de conhecer melhor nossas figuras e compreender nossas ações (de uma forma mais profunda). Quando os encontros começam a se repetir dentro dos laboratórios, a relação vai para a cena. A escrita dos diários de bordo também é de extrema importância para a compreensão dramaturgica daquilo que está sendo construído em conjunto. Durante o processo de remontagem do Revoada, tínhamos um grupo no Facebook onde compartilhamos nossas escritas. Vejamos algumas delas:

“Nisso tentei segurar ele com todas minhas forças, porém falhei na missão de protegê-la e acabei sendo morto por ele. Morto por meu próprio amor. Depois quando ele voltou a si e viu o que tinha feito entrou em desespero e pôs-se a chorar profundamente em lamento por ter assassinado o pássaro que talvez fosse um dos mais importantes de sua vida.” (MaykonOlliver, Vale da Morte, 24/09/2019)

“...o sangue em seu bico nunca tinha sido da coruja e sim de Maykon.....a raiva foi se esvaindo, os grandes olhos da coruja via o seu amor sem um

respiros de vida...O erro de Othelo” (Jason Gabriel, Vale da Morte, 24/09/2019)

““Você não está sozinha”, ela (Nadja) disse. Meu rosto esquentou e foi lavado por mais lágrimas numa forma de dizer “eu sei”. O que eu não sabia é que era capaz de sentir tamanha dor ao perder uma parte de mim. Parte que sacrifiquei por amor e confiei que seria cuidada por um pássaro racional e de coração extremamente difícil de habitar. (Jason) Me enganei.” (Helena Saltoris, Vale da Morte, 24/09/2019)

Estes três trechos de relatos foram escritos no mesmo dia, após o laboratório do Vale da Morte. Lembro que foi um laboratório muito intenso onde eu, assim que tive minha entrada autorizada pela ave guardiã do Vale, me pus na minha posição de descanso e chorei copiosamente. Nunca tive uma relação muito boa com a morte, e apesar de ter vivido partidas precoces, nunca me permiti chorá-las, pois compreendo que é o ciclo natural da vida, apesar de não gostar muito dele. Naquele dia me permiti transbordar a saudade.

Dentro do Revoada, o Metamorpho interpretado pelo meu colega de turma Maykon era filho da minha ave de penas alaranjadas e, coincidentemente, foi a ave assassinada naquele dia. Era como se o sexto sentido de mãe já tivesse me avisado: me mantive cabisbaixa, de costas e de olhos fechados o laboratório inteiro.

Ficou nas mãos do professor Robson organizar essa relação no espaço cênico. Chorei no colo da Ave do Acolhimento, bem próxima ao público enquanto o ritual de morte e ressurreição do Metamorpho acontecia no centro do espaço. A cena acabava quando a Ave do Acolhimento me devolvia aos braços do Metamorpho, agora vivo novamente enquanto todas/os festejavam.



Revoada - Vale da Morte, 25/11/2019.<sup>7</sup>

Quando levamos o espetáculo/cena ou experimentocênico para o público é quando se concretiza o terceiro encontro. Na prática do *Arkhétypos* sempre temos o público bem pertinho da cena, para que eles se sintam participantes da ação, como em um ritual. Eu não tenho memórias nítidas dos encontros que tive com o público na reestreia do Revoada em 2019, apesar de saber que foi tudo muito bonito e mágico. Minha concentração estava focada no roteiro de encontros a seguir, o que fazer, para onde ir, saber quando eu estava em destaque na ação e quando não. Pelas filmagens que meu pai fez, acredito que fiz tudo conforme o combinado, mas estava em um estado de entrega e concentração tão grandes que não registrei na memória.

Por termos essa relação tão próxima com o público, cada apresentação é única. Aqueles que vão assistir também doam energia para o acontecimento das ações ensaiadas, o que afeta diretamente o resultado final.

### **Considerações Finais**

Percebo que o encontro com o *Grupo Arkhétypos* não só me abriu os olhos para outra possibilidade de teatro, mas também me ajudou a entender minhas dores, me

---

<sup>7</sup>Foto: Zé Lucas

apresentou a novas/os amigas/os e amores e ressignificou o prazer de fazer e ensinar arte. Acredito que o fato de ter tido contato primeiramente com a prática do Grupo, para somente depois ter buscado conhecer a bibliografia embasadora dos processos desenvolvidos pelo Arkhétypos, facilitou a minha compreensão sobre os procedimentos de criação e me permitiu uma reflexão afetuosa sobre cada um deles.

Os Estados Alterados de Consciência abrem caminhos para que eu possa me entregar completamente ao Jogo Ritual, onde trabalho com a Poética dos Elementos e descubro mais sobre mim mesma, me encontro com figuras belas e fortes e estabeleço relações, que juntas, como numa colcha de retalhos, tecem a Dramaturgia dos Encontros.

## **REFERÊNCIAS CITADAS**

BURNIER, Luís Otávio. **A Arte de Ator: da Técnica à Representação**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

COUTINHO, Karyne Dias. HADERCHPEK, Robson Carlos. “Pedagogia de Si: Poética do Aprender no Teatro Ritual”. *In* **ART RESEARCH JOURNAL / Revista de Pesquisa em Artes**. Vol. 6 nº1. Natal: UFRN e UDESC, 2019. p. 01-21.

HADERCHPEK, Robson Carlos. **O Teatro Ritual e os Estados Alterados de Consciência**. Natal: Giostri Editora, 2021.

HADERCHPEK, Robson Carlos. “O Jogo Ritual e as Pedagogias do Sul: Práticas Pedagógicas para a Descolonização do Ensino do Teatro”. *In*: **Revista Moringa - Artes do Espetáculo**. João Pessoa: UFPB Departamento de Artes Cênicas, 2018. p. 55-65.

HADERCHPEK, Robson Carlos. A poética dos elementos e a imaginação material nos processos de criação do ator: diálogos latino-americanos. **Anais ABRACE**, v. 17, n. 1, 2017.p. 2645-2664.

MEDEIROS, Paula Lais Araújo de. As Histórias de Pescador e a Arte do Encontro. *In*: HADERCHPEK, Robson Carlos. (org). **Arkhétypos Grupo de Teatro: Encontros e Atravessamentos**. Natal: Fortunella Casa Editrice, 2017.

OLIVEIRA, Leônidas; HADERCHPEK, Robson Carlos. O Jogo Ritual e os Estados Alterados de Consciência: os processos psicofísicos no trabalho de criação do ator. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 11, 2021.p.01-24.